

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS

**EDINEY PINTO SEREJO**

**PRÁTICA DE LEITURA: um estudo sobre as dificuldades  
na formação de leitores**

Balsas-MA  
2010

**EDINEY PINTO SEREJO**

**PRÁTICA DE LEITURA: um estudo sobre as dificuldades  
na formação de leitores**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, da Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Balsas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Gisélia Brito dos Santos

Serejo, Ediney Pinto.

Prática de leitura: um estudo sobre as dificuldades na formação de leitores/Ediney Pinto Serejo. –Balsas, 2010.

52 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Ensino Superior de Balsas, Universidade Estadual do Maranhão, 2010.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Gisélia Brito dos Santos

1. Leitura. 2. Aprendizagem. 3. Leitores. I. Título.

CDU: 028.8

**EDINEY PINTO SEREJO**

**PRÁTICA DE LEITURA: um estudo sobre as dificuldades  
na formação de leitores**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, da Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Balsas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Gisélia Brito dos Santos

Aprovada em        /        /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Mestra Gisélia Brito dos Santos (Orientadora)  
Secretaria Municipal de Educação de Balsas

---

Professora Suzan Cleyde Martins Figueirêdo  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

---

Professor Especialista Melquíades Pacelli Sandes Barros  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

À minha mãe, Deuzarina Pinto Serejo,  
modelo de vida e suporte imprescindível.  
À minha esposa, Edinamara C. Coelho Serejo,  
amiga e companheira sempre  
presente ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, direto ou indireto, de muitas pessoas. Manifesto minha imensa gratidão a todas elas, em especial:

À direção das escolas Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli e Colégio São Pio X, pela cooperação com a pesquisa de campo;

Aos meus ex-alunos do Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, fontes de inspiração;

Aos Professores Melquíades Pacelli, Vanessa Nunes da Silva, Susan Figueirêdo e Marta Helena Facco Piovezan, pelo apoio neste último período do curso;

À professora e orientadora Gisélia Brito dos Santos, pela doação de seu tempo, paciência e pela inestimável colaboração para conclusão deste trabalho;

À minha família, pais e esposa, suporte indispensável, pela compreensão de minhas ausências, dedicação e incentivo;

Aos meus amigos de hoje e de longa data, que compartilharam experiências e ofereceram auxílio.

A leitura, por trabalhar o intelecto, a imaginação, a sensibilidade; por constituir-se em fonte de atualização, prazer e criatividade, concorre para a formação do homem consciente e atuante, questionador e fazedor do seu tempo.

Maria Salete Daros de Souza

## RESUMO

Este trabalho apresenta dados e informações que indicam as principais causas da dificuldade na formação de estudantes leitores. Para tanto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, possuindo como escopo referencial o estudo de vários autores que já discorreram sobre o assunto; e, também, por uma pesquisa de campo, utilizando-se uma abordagem quantitativa e qualitativa, com a aplicação de um questionário com perguntas objetivas e subjetivas. Essa pesquisa foi realizada com alunos do terceiro ano do ensino médio das escolas Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli, Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, e Colégio São Pio X, todas pertencentes à rede de ensino de Balsas-MA. O referencial teórico que embasa este trabalho aponta que a dificuldade na formação de leitores é decorrente de uma série de fatores, sendo os principais a alfabetização deficiente, a falta de acompanhamento e o desinteresse da família, a falta de leitura e de metodologias eficientes no âmbito escolar, e o despreparo dos professores; a inadequação dos materiais de leitura em sala de aula e a concorrência de outras mídias, como a televisão e a internet. Após coletados os dados da pesquisa de campo, consubstanciada no referencial teórico, apresenta-se uma análise na qual verifica-se como as dificuldades pesquisadas influenciaram e influenciam o estudante que está concluindo o ensino médio.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Leitores. Dificuldades.



## **ABSTRACT**

This paper presents data and information indicating the main causes of difficulty in the formation of student readers. To this end, a literature research was performed based on the studies of several authors who have written about the theme; a field research was also done, using a qualitative and quantitative approach, applying a questionnaire with both multiple choice and open-ended questions. That research was carried out with students in the third year of high school from the schools Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnoli, Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, and Colégio São Pio X, all belonging to the school network of Balsas-MA. The theoretical basis of this study indicates that the difficulty in the formation of readers is a consequence of many factors. These main factors are poor literacy, disinterest and lack of monitoring in the family, lack of reading practice and inefficient methods in schools, the unpreparedness of teachers, the inadequacy of reading material in classrooms and the competition from other media, like television and the internet. After collecting data from field research, and grounded on the pertinent theoretical basis, an analysis is presented in which it is verified how the difficulties researched did affect and still affect students who are finishing high school.

Key-words: Reading. Learning. Readers. Difficulties.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1.A – Escola A .....	36
Gráfico 1.B – Escola B .....	36
Gráfico 1.C – Escola C .....	36
Gráfico 2.A – Escola A .....	37
Gráfico 2.B – Escola B .....	37
Gráfico 2.C – Escola C .....	37
Gráfico 3.A – Escola A .....	37
Gráfico 3.B – Escola B .....	37
Gráfico 3.C – Escola C .....	37
Gráfico 4.A – Escola A .....	38
Gráfico 4.B – Escola B .....	38
Gráfico 4.C – Escola C .....	38
Gráfico 5 – Média de livros lidos anualmente .....	38
Gráfico 6.A – Escola A .....	39
Gráfico 6.B – Escola B .....	39
Gráfico 6.C – Escola C .....	39
Gráfico 7.A – Escola A .....	40
Gráfico 7.B – Escola B .....	40
Gráfico 7.C – Escola C .....	40
Gráfico 8.A – Escola A .....	40
Gráfico 8.B – Escola B .....	40
Gráfico 8.C – Escola C .....	40
Gráfico 9.A – Escola A .....	41
Gráfico 9.B – Escola B .....	41
Gráfico 9.C – Escola C .....	41
Gráfico 10.A – Escola A .....	41
Gráfico 10.B – Escola B .....	41
Gráfico 10.C – Escola C .....	41
Gráfico 11.A – Escola A .....	42
Gráfico 11.B – Escola B .....	42
Gráfico 11.C – Escola C .....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	12
<b>2.1 Complexidade da leitura – o que é leitura?</b> .....	13
2.1.1 Níveis de leitura.....	15
2.1.2 Tipos de leitura.....	16
<b>2.2 Decodificação <i>versus</i> compreensão</b> .....	16
<b>2.3 A leitura sob a ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais</b> .....	18
<b>3 FATORES QUE INTERFEREM NA FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	20
<b>3.1 Alfabetização deficiente</b> .....	21
<b>3.2 A participação da família na formação de leitores</b> .....	23
<b>3.3 Leitura no âmbito escolar</b> .....	24
<b>3.4 O professor (não) leitor</b> .....	26
<b>3.5 Inadequação do material de leitura</b> .....	29
3.5.1 O problema do livro didático.....	30
<b>3.6 Leitura e a concorrência de outras mídias</b> .....	31
<b>4 ESTUDANTES BALSENSES DO ENSINO MÉDIO E A LEITURA</b> .....	33
<b>4.1 Contextualização das escolas</b> .....	33
<b>4.2 Metodologia utilizada</b> .....	34
<b>4.3 Análise dos dados quantitativos</b> .....	36
4.3.1 Bloco um: o aluno e a leitura .....	36
4.3.2 Bloco dois: os pais e o incentivo à leitura.....	39
4.3.3 Bloco três: a escola, o aluno e a leitura.....	41
<b>4.4 Análise dos dados qualitativos</b> .....	42
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICES</b> .....	50

## 1 INTRODUÇÃO

A falta de leitura por parte dos educandos vem se tornando um grande problema enfrentado pelos professores, o que compromete a qualidade do ensino e da aprendizagem, bem como o desenvolvimento de cidadãos capazes de questionar as informações que lhes são transmitidas e de pensar criticamente diante da realidade e do mundo que os rodeia.

Muitos professores gostariam de ter em suas turmas jovens habituados à leitura, leitores assíduos, mas, às vezes, o próprio educador não é um leitor e desconhece o complexo processo de leitura e também as melhores formas de trabalhar a leitura em sala de aula.

A problemática da falta de leitura envolve tanto o ato de ler em si, como também a compreensão do que foi lido, pois o leitor não consegue compreender o que lê, realiza apenas a decodificação do texto. Essa situação de “não compreensão” gera o analfabetismo funcional, que tem sido alvo de discussão e de preocupação por parte de vários educadores, pois apenas a decodificação não é suficiente para assimilar o sentido do que se lê.

Torna-se necessário, portanto, estimular os jovens estudantes ao universo da leitura, de maneira sistemática e eficaz. Para isso, é essencial conhecer os fatores que influenciam na formação de leitores e o que torna a leitura tão difícil e tão sem atração para o educando.

Diante dessa realidade de escassez de leitura, este trabalho apresenta um estudo sobre as dificuldades na formação de leitores, tendo como objetivos: elencar dados e informações que apontam as causas da dificuldade na formação de estudantes leitores; identificar as possíveis dificuldades dos alunos no processo de leitura; verificar métodos e técnicas que são utilizados na escola para aumentar o número de estudantes leitores; averiguar o nível e a quantidade de leitura realizada pelos educandos balsenses da terceira série do ensino médio.

Tais objetivos estão baseados na seguinte problematização: o que torna, atualmente, tão difícil, a formação de estudantes leitores? A partir desse questionamento acerca da dificuldade na formação de leitores, levantaram-se as seguintes hipóteses: i) os estudantes não dão muita importância à sua formação escolar, o que implicaria em negligência com a leitura; ii) os alunos não são

motivados a adquirirem o hábito da leitura tanto em casa quanto na escola; iii) falta ambiente e material propício para a leitura nas escolas e no contexto familiar.

A partir do questionamento principal e das hipóteses levantadas, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tomando-se por base autores que tratam do assunto, como Bamberger (2010), Freire (1989, 1996), Martins (1994) e Silva (2004). Realizou-se, também, uma pesquisa de campo, que compreendeu a aplicação de questionários contendo perguntas objetivas e subjetivas referentes ao tema analisado. A pesquisa foi aplicada em três escolas do município de Balsas-MA, em turmas da terceira série do ensino médio: Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli, Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni, e Colégio São Pio X.

Este trabalho é composto por cinco capítulos: o primeiro capítulo expõe uma visão geral do trabalho monográfico; o segundo aborda a importância da leitura e a formação de leitores; o terceiro apresenta um estudo dos fatores que interferem na formação de leitores; o quarto traz o resultado da pesquisa de campo; no último capítulo, apresentam-se as considerações finais em que se faz uma retomada do tema abordado neste trabalho e algumas observações acerca dos resultados obtidos.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que é necessário estimular a formação de leitores ativos, que sejam capazes de ler, entender e interpretar o que leu, posicionando-se criticamente sobre o texto lido. Para incentivar a leitura, é necessário, portanto, investigar as causas que impedem os educandos de aprenderem a ler; identificar os fatores que estão prejudicando a formação de verdadeiros leitores para, a partir disso, sugerir algumas atividades e métodos que contribuam para o ensino e aprendizagem da leitura. Dessa forma, um trabalho que aborde o tema em estudo é de grande valia, não só para os educadores que lidam diretamente com a questão, mas também para os professores e para os pais que, a partir desse conhecimento, poderão auxiliar os educandos no processo de leitura.

Essa pesquisa tem também parte de uma motivação pessoal do autor, surgida durante a aplicação do projeto “Desenvolvendo o hábito da leitura” da disciplina Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual, ministrada em 2008 pela professora Gisélia Brito dos Santos. Este projeto foi aplicado na Escola Municipal Monsenhor Clóvis Vidigal, em que se constatou considerável deficiência na leitura por parte dos alunos.

## 2 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Antes de adentrar na discussão sobre os problemas que interferem na formação de leitores, faz-se necessária uma breve exposição sobre o que é a leitura, seu valor e sua importância, assim como sobre a importância da formação de leitores.

A leitura é uma atividade essencial para o aprendizado, pois através dela pode-se aumentar o conhecimento, aprender coisas novas, manter-se atualizado, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Esses benefícios trazidos pela leitura são de fundamental importância no presente contexto social, que requer pessoas especializadas e que tenham uma boa compreensão de mundo.

Consoante as ideias de M. Souza (1998, p. 17), os benefícios que a leitura traz para o indivíduo são de ordem:

- i) “pessoal”, ao considerar-se o enriquecimento cultural, o acesso ao saber acumulado e o prazer e/ou lazer que a leitura propicia;
- ii) “econômico social”, ao observar-se a maior chance de qualificação profissional e ascensão social;
- iii) “política”, ao considerar-se que o indivíduo crítico e atuante, cidadão emancipado, é um leitor do mundo a sua volta.

A leitura, então, além de ter sua utilidade prática para o indivíduo, funciona como uma fonte de lazer. Feita de forma espontânea, ela traz momentos de encantamento, relaxamento e satisfação pessoal.

M. Souza (1998) comenta que o benefício da leitura de ordem “econômico social” fornece ao indivíduo uma possibilidade de maior qualificação profissional, o que é fato. O mercado de trabalho está sempre exigindo qualificação profissional por parte de seus candidatos e, considerando a atual concorrência para se conseguir uma vaga nesse mercado, essas exigências se elevam de acordo com a complexidade da vaga pretendida. Entre as exigências, estão o raciocínio rápido e a capacidade de atualizar-se constantemente. Leitores assíduos podem alcançar com mais facilidade esses requisitos. Dependendo da área em que o candidato esteja procurando uma vaga, é preciso direcionar sua leitura para que possa adquirir conhecimento a respeito, e com isso, a agilidade, a competência e o pensamento rápido necessários para desempenhar as funções no campo de trabalho.

Além dos benefícios mencionados, aqueles que estão habituados à leitura, escrevem melhor, pois, como explica Antunes (2008, p. 76), a dificuldade de escrever de alguns “tem sua razão de ser também no pouco contato que eles mantêm com textos escritos”. Uma reportagem da revista Nova Escola (RATIER, 2009) alerta que a leitura com a finalidade de melhorar a escrita deve ser mais trabalhada: “a leitura para escrever é um momento especial, que coloca os estudantes numa posição de leitor diferente da que usualmente ocupam” (RATIER, 2009, p. 54).

Ainda sobre seus benefícios, o indivíduo que tem o hábito da leitura regular adquire notável habilidade no que se refere à comunicação, o que resulta em uma melhor exteriorização de suas ideias; aprende a conversar melhor, a discutir assuntos de diversas áreas, a expressar-se melhor em qualquer situação.

Para que esses benefícios sejam alcançados e haja a leitura efetiva, não basta apenas ler, pois conforme Martins (1994), toda e qualquer leitura só é válida se o leitor conseguir apreender o que foi lido e for capaz de correlacionar o seu conteúdo ao seu universo. É pela leitura que mais se aprende e mais se produz conhecimento. Para que possa se efetivar, ela “deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir de encontro a uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais” (MARTINS, 1994, p. 82).

Bamberger (2010, p. 10) também declara que pesquisas no campo da leitura definiram “o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito **contribui para o desenvolvimento do intelecto**”. (grifo nosso).

Por essa perspectiva, evidencia-se a necessidade da formação de leitores ativos, pois se percebe que sua participação no contexto social depende de sua visão de mundo, de seus valores, de seus conhecimentos, de sua reflexão e visão crítica, enfim, da leitura como instrumento de conhecimento.

## **2.1 Complexidade da leitura – o que é leitura?**

O conceito de leitura geralmente está restrito, para muitos, à decifração da escrita. Apesar de várias reformas no contexto escolar, os educandos ainda são levados a uma decodificação de signos linguísticos, a uma leitura superficial e sem significados relevantes, tornando a leitura algo banal. Para Bamberger:

[...] a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo receptivo no qual se reconhecem os símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as ideias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das ideias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. (BAMBERGER, 2010, p. 23).

A leitura é uma das principais formas que o homem pode utilizar para ampliar seu conhecimento. Segundo Martins (1994, p. 22) a aprendizagem da leitura “liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural”. A leitura é um processo de interação entre texto e leitor, é uma relação que envolve vários componentes como intelectuais, culturais, emocionais, econômicos, entre outros. Para Antunes (2008, p. 66), “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação ativa do leitor na interpretação e reconstrução dos sentidos e das intenções pretendidas pelo autor”. Isto quer dizer que a leitura é um fenômeno em que o indivíduo interage com o objeto lido, criando um sentido para si, de acordo com sua concepção do texto.

Assim, verifica-se o caráter interacionista da leitura, que deve ser trabalhado nas escolas, lugar em que o sentido do texto dependerá da interação deste com o leitor. Essa concepção interacionista foi estudada com ênfase por Vygotsky (1993 apud S. SOUZA, 2009), e estabelece que o conhecimento será resultado da ação do sujeito (aluno) sobre a realidade e desta sobre o sujeito.

Confirma-se, então, que ler é uma atividade rica e complexa que envolve vários aspectos. A leitura pode proceder-se para a aquisição de conhecimento, seja a leitura de uma receita ou mesmo para a leitura para uma tarefa lúdica. Porém, será uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização e de reflexão.

Entretanto, as definições citadas anteriormente não são conhecidas por um grande número de educadores. Muitos não chegam a definir o que é leitura, acreditando que ela seja apenas decodificação, visão errônea que pode ser assimilada pelos educandos. Martins (1994, p. 23) apresenta o seguinte comentário sobre essa situação:

[...] para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o *porquê*, *como* e *para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.



Diferentemente do que muitas pessoas acreditam, ler não é uma atividade passiva. A leitura exige esforço do leitor; pois através desse esforço o leitor interage com o texto, atribuindo-lhe um significado. Esse significado, contudo, dependerá do conhecimento prévio de quem lê: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 9). Corroborando com os estudos de Freire, Antunes (2008) afirma que muito do que se consegue depreender do texto faz parte do conhecimento prévio do leitor.

### 2.1.1 Níveis de leitura

Conforme os estudos de Martins (1994), a leitura realiza-se através de três meios: os sentidos, as emoções e a razão. Cada um desses meios representa um nível pelo qual o leitor faz a leitura. Cada nível de leitura está inter-relacionado com o outro. Dessa forma, a leitura compreende três níveis: a leitura sensorial, a leitura emocional e a leitura racional (MARTINS, 1994, p. 40-43):

i) “Leitura sensorial”: leitura que se faz do mundo através dos sentidos (idem, 1994). É uma leitura que se faz desde criança e acompanha o indivíduo por toda a vida. Como exemplo, pode-se citar uma criança que ainda não sabe ler. A leitura que ela faz de um livro é a partir de sua, cor, volume, cheiro e ilustrações. Para Martins (1994), essa leitura através dos sentidos representa um prazer singular. Já os adultos tendem a uma postura mais inibida e racional diante de um livro;

ii) “Leitura emocional”: a partir do momento em que a leitura começa a incitar as emoções – deixando as pessoas alegres, deprimidas, curiosas ou trazendo lembranças – o indivíduo passa a fazer uma leitura emocional do texto. Trata-se de um nível de leitura que lida com os sentimentos, com a subjetividade. É um processo de participação afetiva. É o tipo de leitura que se faz nos momentos de lazer e descomprometimento e, por isso, é vista como uma leitura de passa tempo;

iii) “Leitura racional”: leitura feita com o intuito de se aprender algo através de um texto. A leitura nesse nível enfatiza o intelectualismo; a razão se sobrepõe aos sentimentos. Na leitura racional é salientado o caráter eminentemente reflexivo.

A leitura racional é predominante, não por ser da maioria dos leitores, mas por ser concebida e mantida pela elite dos intelectuais, pensadores e críticos.

Esses níveis de leitura – sensorial, emocional e racional – não existem isoladamente, visto que eles se complementam.

### 2.1.2 Tipos de leitura

Para Bamberger (2010, p. 41-42) existem quatro principais tipos de leitura, que se encontram na realidade entrelaçados, e esses tipos de leitura variam de acordo com as intenções e interesses do leitor:

i) “Leitura informativa”: considerada o tipo mais frequente e mais genérico, principalmente no caso de adultos. Nesse tipo de leitura, a principal motivação é a necessidade de informação para orientação na vida e no mundo. Sua importância centra-se na relevância da informação para a vida pessoal e comunitária. A orientação no uso correto da informação e análise do conteúdo são elementos essenciais no desenvolvimento da motivação para ler;

ii) “Leitura escapista”: tipo de leitura em que o leitor tem a necessidade de satisfazer desejos, por isso é predominante entre as crianças pelo desejo de escapar da realidade. O gosto pelos contos de fadas reforça esse escapismo. Entretanto, pelo conteúdo que oferece, “a leitura escapista é considerada predominantemente negativa” (idem, 2010, p. 42);

iii) “Leitura literária”: é também um tipo de busca para além da realidade, que procura um significado interno nos acontecimentos cotidianos. Para o leitor literário, a leitura é uma experiência estética;

iv) “Leitura cognitiva”: esse tipo de leitura possui a mesma motivação da filosofia: o conhecimento e a compreensão de si mesmo, dos outros e do mundo. “A leitura cognitiva é basicamente uma leitura especulativa que exige grande dose de atividade intelectual da parte do leitor, compreensão crítica e capacidade receptiva”. (idem, 2010, p. 42).

Na prática, esses tipos de leitura se sucedem de forma conjunta, sendo que no ato da leitura, o sujeito leitor faz uso de um ou mais desses tipos de leitura.

## 2.2 Decodificação *versus* compreensão

Aprender a ler, somente, não se demonstra ser suficiente para atender às necessidades do indivíduo, pois o que mais interessa no processo de leitura é a

interpretação do que é lido, e não que letras estão grafadas no papel. Para se saber realmente ler, deve-se utilizar técnicas que ultrapassam a decodificação.

No Brasil, no entanto, muitas pessoas não conseguem sequer decifrar os signos linguísticos; essas pessoas são os analfabetos, que, conforme reportagem da revista *Veja* (FRANÇA, 2010) representam 10% (dez por cento) dos brasileiros. Existe, ainda, outra forma de analfabetismo apontada pelos estudiosos:

[...] usufruir de todas as possibilidades que ser um leitor pode oferecer, é, ainda hoje, completamente inacessível para uma parcela considerável da população brasileira, seja em função do total desconhecimento das regras que regem a escrita (o analfabetismo), seja devido a um grau restrito de letramento, ou ainda, seja devido a um afastamento das razões de uso da escrita, que provocaria uma “desaprendizagem”, chamada por alguns autores de analfabetismo funcional [...] (CASTANHO, 2005, 15).

Enquanto o analfabetismo pode ser mais facilmente identificado, na medida em que pesquisas são realizadas seguidamente pelo Ministério da Educação (MEC), para mensuração do número de analfabetos, o analfabetismo funcional é mais dificilmente delimitado, isto porque muitos analfabetos funcionais já passaram pela escola, tendo concluído o ensino fundamental, ensino médio e, alguns, até o ensino superior. Esse fato, inegavelmente, representa um retrocesso para o ensino: o aluno frequenta a escola, mas os resultados mostram que essa passagem pela escola fora inócua.

Embora seja de mais difícil mensuração, existem pesquisas sobre o número de analfabetos funcionais no Brasil, e os números são expressivos, como indica Castanho:

[...] dados levantados pelo Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB), realizado em 2002, indicam que 59% dos alunos de quarta série avaliados ainda não desenvolveram as competências básicas de leitura; e dados de uma pesquisa sobre alfabetização realizada pela Unesco e pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) [...] indicam que cerca de 40% dos alunos brasileiros com aproximadamente 15 anos de idade, que presumivelmente receberam oito ou nove anos de escolaridade, estão abaixo ou estão no chamado nível 1 de alfabetização estabelecido pela Unesco, o que lhes permitiria apenas realizar tarefas muito básicas de leitura. (CASTANHO, 2005, p. 16).

O nível básico de alfabetização citado é caracterizado por habilidades de leitura que só permitiriam localizar uma única informação em textos curtos, ou seja, apenas informações superficiais (idem, 2005).

Essas informações evidenciam, de forma clara, que a questão da leitura em nossas escolas deve ser tratada, com ênfase, como uma das grandes questões nacionais, no que concerne à educação. O aumento do analfabetismo funcional não se sucedeu repentinamente. Tais números são resultados de uma prática

equivocada de nossas escolas: o nível de leitura é geralmente avaliado pela decodificação. Se o aluno souber distinguir classes gramaticais, utilizar um pouco os sinais de pontuação, respeitar algumas normas no ato de ler, ele pode ser considerado um leitor. Essa visão é tida por muitos educadores ou educandos e, conforme se explicitou, é uma visão errônea.

A quantidade não chega a ser uma preocupação em algumas instituições escolares. Quantidade de leitura não significa qualidade, mas com leituras feitas constantemente com a supervisão do professor, a tendência é aumentar a qualidade da compreensão da leitura. De toda forma, fica evidente que a concepção de leitura deve ser reavaliada nas escolas, a fim de diminuir a avaliação pela decodificação e, por conseguinte, reduzir o número de analfabetos funcionais, o que poderá ser feito através de um processo de mudanças de longo prazo.

### **2.3 A leitura sob a ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados com fundamentação na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, lei 9394/96, com o objetivo principal de propiciar aos sistemas de ensino, em particular aos professores, subsídios para elaboração dos currículos escolares, servindo como direcionador à construção do projeto pedagógico.

Os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem também foram considerados pelos PCNs:

O quadro educacional brasileiro é ainda bastante insatisfatório. Alguns indicadores qualitativos e quantitativos mostram o grande caminho a percorrer em busca da equidade. Comparações com outros países em estágios equivalentes de desenvolvimento colocam o Brasil em desvantagem na área de educação. (BRASIL, 1998, p 23).

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, 1998, 2000) o objetivo precípua do ensino da língua portuguesa é o domínio da linguagem. Esse domínio só é possível de ser alcançado através da prática constante dessa língua, incluindo a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997, p. 41).

A partir desse trecho é possível inferir que nos PCNs, a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que com o desenvolvimento da sua competência leitora esse aluno poderá tornar-se competente na compreensão e na assimilação das outras disciplinas.

Ainda segundo os PCNs (BRASIL, 1998), o ato de ler deve ser uma atividade praticada constantemente, podendo dessa forma, ser realizada de diversas maneiras como: a leitura silenciosa individual, a leitura em voz alta em grupo ou individual, a leitura oral coletiva e por meio da escuta de alguém que lê diariamente.

Consoante os princípios dos PCNs (1997), formar leitores é uma atividade que requer condições favoráveis para a prática da leitura. Essas condições podem ser criadas a partir das seguintes sugestões:

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros;

É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos;

O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro;

O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais;

O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. (BRASIL, 1998, p. 71-72).

Além das boas condições necessárias, outro aspecto destacado pelos PCNs é que a escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, sendo que a leitura deve ser trabalhada não apenas pelo professor de língua portuguesa, mas por todos os demais professores.

### 3 FATORES QUE INTERFEREM NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O tema “leitura” está sempre presente em debates, reuniões e discussões, chegando-se à mesma conclusão de que é preciso desenvolver o hábito da leitura nos jovens, pois, para os que não costumam ler, a leitura não passa da junção de signos gráficos, de um processo de alfabetização, do saber ler e escrever. A leitura, feita de maneira adequada, proporciona ao aluno contato direto com o texto, leva-o à reflexão, torna-o capaz de confrontar ideias, de observar realidades e situações, para saber contestá-las, se necessário. Apesar de todos esses benefícios propiciados pela leitura, as escolas tendem a priorizar apenas a leitura voltada para a decodificação.

Embora evidenciados os benefícios da leitura, há um “desinteresse generalizado pela leitura”, conforme aponta M. Souza (1998, p. 13). Em meio à sociedade existem muitos “pseudoleitores”, que seriam os pais, professores e outros, que afirmam que a leitura é algo benéfico sem, no entanto, terem uma experiência mais próxima da leitura como verdadeiros leitores. Conforme Azevedo (2004, p. 38), estes “raramente [...] lembram-se de comentar, por exemplo, que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação”. Esses “pseudoleitores” possuem uma visão limitada e idealizada da leitura e pouco têm contribuído para a formação de leitores.

Mas o que, de fato, é um leitor? Após as discussões sobre o que é leitura, cabe aqui delimitar o conceito de leitor.

Pode-se afirmar que leitores são aquelas pessoas que sabem corretamente usufruir dos diferentes livros, das diferentes leituras; conseguem distinguir, por exemplo, uma obra científica de uma obra literária; conseguem extrair da leitura algo que lhes será útil.

Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p. 38).

Todavia, a formação de um leitor capaz, não apenas de decifrar os signos linguísticos, mas de ter a leitura como hábito em sua vida, compreende um árduo processo. Para Bamberger (2010, p. 21), as crianças que lêem bastante têm “um relacionamento muito bom com o professor, o qual, por sua vez, é um leitor

entusiasta; [...] frequentam aulas que possuem uma boa provisão de material de leitura; foram 'induzidas à leitura' por um contínuo contato com os livros”.

O processo de formação de leitores, porém, é afetado por fatores adversos que, em menor ou maior grau, podem impedir o aprendizado e o desenvolvimento da leitura. Entre os diversos fatores, os mais apontados pelos estudiosos são: a alfabetização deficiente; a falta de acompanhamento e o desinteresse da família; a falta de leitura no âmbito escolar; o despreparo dos professores; a inadequação dos materiais de leitura em sala de aula e a concorrência de outras mídias, como a televisão e a *internet*. Esses fatores estão interligados, o que exige maior esforço e dedicação para o entendimento holístico do processo.

### **3.1 Alfabetização deficiente**

A alfabetização está intrinsecamente ligada à leitura e à produção textual, pois é através dela que se inicia a formação do leitor, e é justamente esse o motivo pelo qual se deve dar uma atenção maior ao educando nessa fase. Para R. Souza (2004), a infância é o momento mais apropriado para o indivíduo iniciar sua libertação por meio da palavra. A autora Luft também comenta sobre o assunto:

Os primeiros anos são fundamentais, não apenas por serem os primeiros, mas por construírem a base do que seremos, faremos e aprenderemos depois. Ali nasce a atitude em relação ao nosso lugar no mundo, escolhas pessoais e profissionais pela vida afora. Por isso, esses primeiros anos em que se aprende a ler e a escrever, deviam ser firmes, fortes, estimulantes e eficientes [...] (LUFT, 2009, p. 22).

Nesse sentido, a alfabetização tem sido alvo de discussões por parte dos estudiosos e pesquisadores da educação, já que há anos, os índices de reprovação e evasão escolar nas séries iniciais após a alfabetização são altos. Conforme reportagem da revista *Veja* (FRANÇA, 2010, p.101), dados do MEC revelam que o índice de repetência para 2010 deveria ser de 10% (dez por cento), índice considerado alto, mesmo assim estacionou em 13% (treze por cento). Já o índice de evasão aumentou de 10% (dez por cento) para 11% (onze por cento), quando a meta era baixar para 9% (nove por cento) nesse mesmo período. A taxa de analfabetismo também não é baixa: a taxa atual é de 10%, (dez por cento), quando deveria ter caído para 4% (quatro por cento). A mesma reportagem reforça a

necessidade de melhorar as deficiências do nível básico, pois essas repercutem, de forma decisiva, nos níveis seguintes.

Entre outras questões levantadas, destaca-se a dificuldade, após anos de aprendizagem na escola, de o aluno não escrever um texto coeso, o que evidencia a pouca consistência do ensino da língua nas salas de aula. Dessa maneira:

[...] a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1994, p. 34).

Num primeiro momento, a criança aprende apenas a decodificar o que está escrito. Passado essa etapa de iniciação à leitura, o professor deve incentivar e encontrar maneiras de modo que o aluno busque a compreensão do assunto lido e, acima de tudo, que aprecie cada leitura que faça.

A alfabetização deve ser “dinâmica”, conforme afirma Freire (1989, p. 13), efetivando-se através “do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos”. (idem, 1989, p. 13).

A utilização de livros infantis nessa fase é de fundamental importância, pois os bons livros infantis “são fundamento do ensino da leitura [...] os interesses pelo enredo e pelo destino das personagens leva a criança a terminar o livro num curto prazo de tempo”. (BAMBERGER, 2010, p. 28). Deve-se ter a precaução de utilizar livros que sejam adequados e interessantes para a criança, caso contrário, incorrer-se-á no risco de perder um leitor em formação.

Não sendo possível trabalhar diretamente com livros, deve-se optar, pelo menos, trabalhar com textos autênticos e completos, em vez de trabalhar com palavras ou frases soltas, conforme aconselha Antunes (2008, p. 79): “mesmo na etapa da alfabetização, quando pode haver dificuldades na leitura de textos maiores, é possível recorrer a textos curtos (mas textos reais e de boa qualidade)”.

Entende-se que o processo de alfabetização deve ser concebido de forma a propiciar as condições para a formação do leitor. Para que a alfabetização se proceda desta forma, o texto deve ser o cerne das atividades da prática de leitura, e esta deve ser desenvolvida de forma a criar sentidos para o alfabetizando, diferentemente da forma mecanicista de apenas basear-se na decifração de signos linguísticos.



### 3.2 A participação da família na formação de leitores

Sendo a leitura importante nos diversos contextos sociais, é relevante discutir sobre o papel da família na formação de bons leitores. A formação do leitor inicia-se no ambiente familiar e continua ao longo da vida escolar da criança: alfabetização, ensino fundamental, ensino médio, passando por vários professores. Em todos esses estágios, a família estará presente, na maioria das vezes, e sua participação ativa nesse processo é fundamental para o educando.

R. Souza (2004) afirma que o ambiente familiar pode auxiliar bastante no processo de formação do leitor, mas nem sempre está direcionado para essa formação. Não havendo a participação da família, o trabalho para os educadores será mais difícil, quiçá infrutífero.

O leitor que teve os primeiros contatos com a leitura desde cedo no âmbito familiar, aprenderá com mais facilidade a reconhecer os signos linguísticos, em comparação com o aluno que teve seu primeiro contato com a leitura somente ao entrar na escola. Esses primeiros contatos não precisam ser, necessariamente, a leitura em si. Para Freire (1989), essas relações iniciais também são os momentos prazerosos entre a criança e o adulto no contexto familiar, como contar histórias, brincar, ou, simplesmente, dialogar com a criança.

Bamberger salienta que “a função dos pais como modelos é decisiva, isto é, se eles mesmos gostarem de ler, induzirão facilmente os filhos a lerem regularmente”. (2010, p. 72). Desse modo, se a criança cresceu em um ambiente com facilitado acesso a livros, com pais leitores e incentivadores da leitura, é mais fácil que ela siga por um caminho que propicie o hábito da leitura. Quando são oferecidas condições opostas para a criança, a tendência é de afastamento com relação à leitura.

Infelizmente, sabe-se que, em um contexto socioeconômico como o do Brasil, ainda existem muitas famílias com baixa formação escolar e pouco poder aquisitivo. Tais condições são totalmente desfavoráveis para a criança com relação à sua educação, à aprendizagem e à prática da leitura. Nesses casos, a participação da escola e dos professores é de vital importância para mostrar aos pais os benefícios e a importância da leitura e reforçar isso nos educandos. Para Bamberger (2010), o aspecto socioeconômico deixa de ser decisivo quando diligências especiais são feitas por professores e pela comunidade em geral.

De maneira geral, não se discute muito o papel da família na formação do leitor, porém é importante ressaltar que os valores transmitidos pelas famílias tendem a acompanhar o indivíduo, inclusive na fase adulta, e o mesmo pode acontecer com a leitura, o que torna mais pertinente essa discussão: “É importante que se tenha claro que somente aquele que lê e que ama os livros é capaz de formar outros leitores.” (FARIA, 2004, p. 57).

### 3.3 Leitura no âmbito escolar

Apesar de todos os problemas funcionais, estruturais e pedagógicos, R. Souza (2004) afirma que é na escola que a maioria das crianças aprende a ler.

As poucas e frágeis experiências com a leitura na escola distanciam o leitor do contexto social e cultural, fazendo com que ele desconheça o mundo ao seu redor e, conseqüentemente, reduza sua participação ativa e efetiva na sociedade em que está inserido.

A leitura, vista como uma obrigação, deixa de ser atrativa para o educando, pois “a obrigatoriedade aprisiona e a sensação de não ser livre deprime. A sutileza está em sugerir uma leitura com possibilidade de escolha.” (PETRONI, 2001, p. 105).

Sobre a forma de como a leitura é tratada nas escolas, Freire (1989, p. 12) faz a seguinte consideração:

Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras “lições de leitura” no sentido mais tradicional desta expressão, a que se achavam submetidos em nome de sua formação científica e de que deviam prestar contas através do famoso controle de leitura.

Para muitas crianças “a leitura está intimamente associada às atividades e exigências da escola; concluído o período de escolarização, elas deixam de ler por que a ‘vida’ agora significa para elas algo muito diferente da escola” (BAMBERGER, 2010, p. 20). Muitos alunos reclamam que os professores apenas cobram leitura de livros para que eles façam provas e atividades avaliativas. Esse tipo de abordagem torna a leitura sem prazer para o aluno.

Outro problema relacionado à leitura na escola refere-se à “atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos

diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente” (ANTUNES, 2008, p. 27). Conforme esse autor, outros problemas relacionados às atividades de leitura na escola são:

i) leitura como uma atividade essencialmente escolar, sem prazer, convertida em momento de treino, avaliação ou cobranças;

ii) leitura feita de modo que a interpretação proposta realiza-se superficialmente, trabalhando-se apenas as informações básicas e pontuais do texto;

iii) uma leitura trabalhada de maneira que não suscita no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais que ela oferece, dissociando-a daquilo que o aluno tem necessidade fora da escola.

Os problemas não são apenas de ordens ideológicas e pedagógicas. Falta estrutura para muitas escolas brasileiras. Como afirma Freire (1996, p. 27), o educador “precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes as condições são de tal maneira perversas que nem se move”. Por conseguinte, a falta de uma estrutura adequada certamente prejudicará o processo da formação do leitor, por mais que seu corpo docente esteja preparado para esse desafio:

Muitas vezes, a escola carece de bons materiais para o estudo, como livros, bibliotecas, jogos de aprendizagem, vídeo, cinema, acervos didáticos etc., o que restringe a qualidade dessa ação. Assim sendo, ainda que o professor queira provocar no aluno a ação sobre objetos que favorecem a aquisição de conhecimentos, isso não é possível, pois esse apoio logístico é inexistente ou precário no âmbito da escola. (SILVA, 2004, p. 33).

Dentre essas carências, a falta de uma biblioteca deixa a escola em considerável desvantagem, por vários motivos. Um desses motivos é que muitos alunos só têm a oportunidade de ter contatos com livros na escola: “para muitos, a escola (e, sobretudo, a escola pública) é o único local onde poderão ter acesso ao livro, compartilhar vivências de leitura, enfim, enriquecer-se pela experiência humana de ler” (S. SOUZA, 2009, p. 50-51). Se a escola que frequentam não possui biblioteca, o acesso a livros para esses alunos se tornará mais difícil. Outro motivo é que a ausência de uma biblioteca limita a ação do professor, restando-lhe poucas ou quase nenhuma opção de livros para trabalhar com seus discentes.

Escolas que possuem essa valiosa ferramenta, portanto, devem incentivar seus alunos a frequentá-la, aumentando o contato destes com os livros e preparando-os para que se sintam à vontade para frequentar uma biblioteca pública

quando adultos. “Uma das metas principais do ensino da leitura, portanto, é acostumar o aluno a utilizar a biblioteca.” (BAMBERGER, 2010, p. 76).

Reforça-se que a escola deve priorizar um ambiente propício à formação de leitores: “Uma das formas de propiciar esse ambiente é por meio da criação, na instituição e mesmo na sala de atividades, de espaços em que as crianças possam interagir individual ou coletivamente com a leitura e a escrita” (FARIA, 2004, p. 56).

Boa parte da responsabilidade sobre o *déficit* de leitores recai sobre a escola, mas como já se tem abordado neste trabalho, não se pode apontar apenas um único fator para a deficiência na formação de leitores.

A instituição escolar, no entanto, não pode ser responsabilizada sozinha por uma questão que é político-social. Mas, sendo o problema da leitura também de competência educacional, faz-se necessário que a escola reveja o seu diálogo pedagógico e apresente soluções para a formação de leitores, para que se possa progredir na reflexão, na comunicação, porque o homem somente existe enquanto dialoga. (M. SOUZA, 1998, p. 23).

Portanto, torna-se elementar que a escola contemple melhorias para ampliar a leitura de seus educandos, fazendo com que os currículos escolares sejam mais abertos e diversificados, que contemplem a reflexão sobre situações locais, para que os alunos sejam levados a conhecer a realidade cultural mais próxima; a tornarem-se habituados à leitura, incluindo a leitura no cotidiano, no lazer e tornando-se, assim, leitores assíduos.

### **3.4 O professor (não) leitor**

O professor exerce um papel estratégico, nas escolas, principalmente na formação de leitores. Os professores de língua portuguesa têm grande relevância nessa formação, pois estes trabalham diretamente e diariamente com as questões relacionadas ao vernáculo brasileiro e à prática da língua, como a gramática, a ortografia, a produção de textos e, essencialmente, a leitura, pois as outras atividades, quase que em sua totalidade, terão como base a leitura. Os docentes de outras disciplinas também devem incentivar seus alunos à leitura, conforme orientam os PCNs (1998), pois a leitura em diversas disciplinas propiciará ao educando uma maior experiência com relação ao vocabulário, o que facilitará a leitura em qualquer área.

É imprescindível que o professor seja familiarizado com o hábito da leitura, afinal, o professor é um agente fundamental no processo de formação do

leitor. Para Bamberger (2010), a personalidade do professor e seus hábitos de leitura são importantes para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nos educandos. Torna-se salutar, portanto, que o educador seja um sujeito leitor: “Um aspecto a ser enfatizado refere-se à importância de os professores, da mesma forma que as crianças, constituírem também comunidades de leitores”. (FARIA, 2004, p. 57).

Muito embora a leitura seja uma experiência individual, a participação do professor leitor nesse processo contribui para o crescimento das possibilidades de compreensão e de significação sobre o material de leitura.

Nesse contexto, a formação do professor e suas metodologias em sala de aula interferem no resultado da aprendizagem da leitura. O que se verifica nos meios escolares é que alguns professores, em decorrência de uma fraca formação nos cursos de Licenciatura, não possuem o conhecimento mínimo necessário para o exercício da atividade docente, o que resulta em práticas inadequadas da leitura em sala de aula.

Para ilustrar esta afirmação, apresenta-se a seguir o relato de uma professora participante de uma pesquisa feita por Savelli (apud ZANCHETA), que demonstra o despreparo daquela com relação à leitura:

“Não dá pra deixar cada aluno falar sobre o que compreendeu do texto. Assim, cada um vai dizer uma coisa, e como eu vou fazer a interpretação do texto? Eu não entendo essa coisa de que a leitura de um texto tem muitos significados, para mim leitura é dizer o que está escrito. (SAVELLI, 2003 p. 57 apud ZANCHETTA, 2004, p. 93).

Tem-se aí uma amostra clara do despreparo de alguns professores em sala de aula, ocasionado por uma visão limitada de interpretação que, pode-se depreender, é decorrente, dentre outros fatores, de uma frágil formação acadêmica. Além da universidade nem sempre oferecer meios para a formação de um bom professor, há também universitários que não procuram esses meios, não frequentam bibliotecas ou não buscam informações para aperfeiçoar sua formação.

O trabalho do professor com textos em sala de aula deve ser feito de forma que o leitor interaja com o texto e o professor com os alunos, ambos construindo, juntos, um significado para o que foi lido. Nesse sentido, Silva (2004, p. 27) critica a forma mecânica com que muitos professores ministram suas aulas, através de uma

[...] transmissão unidirecional, verticalizadas de informações para serem copiadas, memorizadas e devolvidas dentro de um ritual insípido, em que os

aspectos mecânicos da aprendizagem [...] tomam um tempo imenso em sala de aula para serem esquecidos assim que o aluno sair dela.

Existem várias pesquisas que investigam a docência e a qualificação do professor. Em uma dessas mais recentes, o MEC (BRASIL, 2009, p. 27) faz um estudo exploratório sobre o professor brasileiro, com base no Censo Escolar de 2007. Essa pesquisa apresenta alguns resultados que merecem atenção.

Em 2007, o Brasil possuía 1.882.961 professores de educação básica, que compreende a creche, a pré-escola, o ensino fundamental e o ensino médio. Destes, apenas 61,7% (sessenta e um inteiros e sete décimos por cento) possuíam escolaridade de nível superior (licenciatura), sendo que no ensino fundamental esse percentual foi menor, 54,9% (cinquenta e quatro inteiros e nove décimos por cento). Outros dados da pesquisa que chamam a atenção é o número de professores de baixa escolaridade. Professores que possuem apenas formação de nível médio, lecionando no ensino fundamental e nível médio: 71.390 ou 3,79% (três inteiros e setenta e nove centésimos por cento); 12.196 ou 0,65% (sessenta e cinco centésimos por cento), respectivamente. Professores que possuem apenas formação de nível fundamental, lecionando no ensino fundamental e nível médio: 9.387 e 441, respectivamente. Isso quer dizer que, 441 professores que concluíram apenas o nível fundamental, lecionaram, naquele ano, para alunos de ensino médio.

Os dados acima mostram que, na esfera político-pedagógica, União, estados e municípios precisam prover, de maneira conjunta e continuada, as bases necessárias para a qualificação do docente e as escolas precisam oferecer a oportunidade necessária para que o professor, já no exercício de sua profissão, possa especializar-se através de conferências, congressos e cursos de pós-graduação ou de formação continuada.

Na esfera individual, a construção do conhecimento pelo educando coloca-se como compromisso primordial de todo professor. Ou seja, para promover o conhecimento e o hábito da leitura em seus estudantes, em um determinado contexto escolar e no decorrer do tempo, o professor precisa ensinar bem, e para isto ele deve manter a leitura como um hábito contínuo ao longo de sua vida. Deve assumir uma postura de auto-avaliação e de reflexão, avaliando constantemente sua prática e corrigindo os erros que, porventura, surgirem; deve estar consciente de que sua formação é permanente.

### 3.5 Inadequação do material de leitura

Existem algumas dificuldades relacionadas ao material de leitura nas salas de aula, entre elas o não uso da obra literária, ou sua fragmentação, e o monopólio do livro didático como veículo de leitura.

Bamberger (2010, p. 56) alerta que:

Na seleção do material de leitura, cumpre atentar de modo muito especial para a idade e o tipo de leitura. O material de leitura didático ou informativo é incluído cedo demais na programação, num momento em que a criança procura, acima de tudo, histórias vívidas e fantasiosas.

Caso o material de leitura não seja ajustado ao nível do estudante, o resultado será uma total aversão à leitura. Bamberger (2010) aponta que os jovens, na adolescência, não encontram prazer num drama de Shakespeare, por exemplo.

As escolas precisam levar em conta em seus programas pedagógicos que o aluno já vem de casa com um conhecimento prévio. Conforme Martins (1994, p. 28), “o que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar”.

Deve-se, ainda, atentar para a forma como a leitura é realizada na sala de aula. Em muitas escolas, a maior parte da leitura é feita oralmente. Os alunos acabam sendo treinados para lerem palavra por palavra, o que deveria ser evitado. Esta, porém, é uma prática apontada pelos PCNs (1997, 47): “a leitura em voz alta feita pelo professor não é uma prática muito comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer”. Deve-se, no entanto, tomar cuidado com essa forma de leitura, pois “como na vida adulta a leitura silenciosa vai predominar, isso também deveria ocorrer na sala de aula” (BAMBERGER, 2010, p. 25).

Considerando o exposto, pode ficar a dúvida sobre quais livros devem ser trabalhados. Zanchetta (2004) sugere que sejam oferecidos ao estudante livros que, de algum modo, ofereçam elementos familiares ao aluno e possibilidades de ampliação de suas expectativas. Por conseguinte, a ação do professor não seria indicativa e, sim, prescritiva. Para tanto, valem desde as obras de reconhecido valor literário até *best sellers* de qualidade duvidosa. Em um cenário de escassez de leitores, deve-se deixar a criança e o jovem leitor à vontade para escolher um

material de leitura de seu interesse, como uma fábula, uma poesia, um conto ou uma história em quadrinhos. O importante é que o leitor sinta prazer em sua leitura.

### 3.5.1 O problema do livro didático

Os livros didáticos são utilizados exaustivamente nas escolas brasileiras, principalmente nas escolas públicas. A finalidade desses livros é válida, considerando que visam facilitar o ensino para o aluno. Porém, com base no atual cenário de falta de leitores, surge a necessidade de questionar a real contribuição do livro didático para a formação do leitor, pois muitos pesquisadores apontam que os livros didáticos representam um entrave para a educação.

Um dos problemas reside no fato de considerar-se apenas o uso do livro didático em detrimento de outras fontes de leitura. A leitura acaba “limitada à escola, com a utilização preponderante dos livros didáticos” (MARTINS, 1994, p. 25). Limitados ao livro didático, professores e alunos acabam tendo poucas oportunidades de realizarem uma leitura efetiva. Pondé (1983 apud M. SOUZA, 1998) destaca que é através do livro didático que a maioria dos alunos tem contato com os textos literários e com a sistematização da língua.

Este contato parcial com o texto literário, por meio dos livros didáticos, gera uma relação superficial entre o texto e o leitor. Antunes (2008, p.79) considera que

Nada poderá justificar a leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objetivo interativo qualquer. Textos que têm autor(es), que tem data de publicação, que apareceram em algum suporte da comunicação social (jornal, revista, livro, panfleto, *outdoor*, cartaz, etc.). Textos reais, enfim.

Portanto, quanto à limitação de textos no livro didático, devem-se procurar alternativas que apresentem uma forma real de manifestação do texto, como jornais e revistas.

Além do caráter da limitação de textos, Guerreiro (2006, p. 27) salienta que

[...] muitos livros didáticos contêm erros graves de conteúdo; que reforçam ideologias conservadoras; que subestimam a inteligência de seu leitor, que alienam o professor de sua tarefa docente e que – nos casos de livros de língua portuguesa – direcionam a leitura, comprometem a noção de compreensão e de interpretação [...].



Ou seja, ao invés de cumprir seu papel de facilitar a aprendizagem, tanto para professores quanto para alunos, muitos livros didáticos proporcionam atualmente uma desvirtuação do conhecimento.

Azevedo (2004, p. 45) é categórico ao afirmar que “livros didáticos-informativos têm sido muito úteis, seja na divulgação de informações, seja como um instrumento pedagógico importante, mas, certamente, **não formam leitores**” (grifo nosso). Guerreiro (2006, p. 26) enfatiza que muitos livros didáticos “desprezam as condições sociais de produção de texto e, portanto, não consideram sua dimensão pragmática”, ou seja, desconsideram o uso real da língua. O livro didático precisa, então, ser reformulado considerando uma contextualização que viabilize a formação do leitor crítico, diferente da forma superficial que se apresenta atualmente.

### 3.6 Leitura e a concorrência de outras mídias

A sociedade atual vive hoje a ascensão da era tecnológica. A globalização, as transformações tecnológicas, o advento da *internet* e do computador, tudo isso trouxe novas contribuições para a sociedade e transformou o acesso das pessoas às fontes de informação. Nesse universo, a escola tem o árduo papel de oferecer aos educandos os meios necessários para decodificar, filtrar e interpretar a gama de informações fornecidas por essas tecnologias, que, se utilizadas de forma adequada, propiciam ao aluno um aprendizado mais aprofundado.

Quando utilizadas em excesso ou de maneira que não visem o aperfeiçoamento pessoal e intelectual, essas mídias acabam interferindo negativamente no processo de aprendizagem.

Há alguns anos, uma das grandes preocupações dos professores e educadores era com relação à televisão. A permanência constante dos educandos diante dos programas televisivos demonstrava-se prejudicial diante de um rendimento inferior na sala de aula. “Em alguns países, como nos Estados Unidos, as crianças passam, em média, tanto tempo assistindo televisão quanto tempo na escola”. (BAMBERGER, 2010, p. 53).

Atualmente, ainda persiste a preocupação com a TV, mas existem outras mídias que dividem a atenção dos estudantes, como: o computador, a *internet*, jogos eletrônicos, *mp3 players*, celulares, entre outros. Guerreiro (2006, p.17) afirma que:

[...] a TV, a internet e os jogos computadorizados interferem na educação ministradas nas escolas, seja concorrendo com ela, absorvendo o tempo disponível de nossos jovens e crianças, seja também, dissimulando e fragmentando sua maneira de pensar.

A *internet*, rede mundial de computadores, é um fenômeno mais recente, que surgiu na década de 70 e popularizou-se a partir da década de 90 (WIKIPÉDIA, 2010). É considerada uma eficiente fonte de acesso à informação, porém, como muitas tecnologias, pode ser também prejudicial.

A maioria dos jovens tem um acesso muito facilitado à *internet*. Sítios como *orkut*, *facebook*, *twitter* e ferramentas como o *msn* são comuns em seus cotidianos. Esses sítios são ferramentas de comunicação *online*, que, utilizados de forma branda, facilitam a comunicação por meio da rede. Entretanto, os jovens excedem em tempo nessas atividades, utilizando a *internet* quase que exclusivamente em virtude desses sítios de comunicação e lazer. Quando isso acontece, a *internet*, que poderia ser um meio de busca e aquisição de informação e de conhecimento, torna-se prejudicial.

Nesse contexto, muitos educadores desconhecem o uso dessas mídias, conforme afirma Bueno (2008, p. 8): “muitos educadores ainda permanecem relutantes a utilizar as novas tecnologias, dentre elas a *internet*, vivendo, entretanto, envoltos neste mundo e que desperta o interesse dos alunos”.

Bem apontado por Zanchetta (2004), o livro concorre com esses outros meios mais apelativos. As novas tecnologias e mídias existentes no mundo moderno fazem com que muitas pessoas percam o interesse pela leitura de livros, o que resulta em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros.

Foram constatados poucos estudos nessa área, mas certamente é um campo que merece mais atenção, pois se verifica que essas mídias desviam, em demasiado, a atenção dos estudantes, o que representa um retrocesso e um retrabalho para as escolas e para os professores que, além de outras dificuldades, precisam criar meios que chamem a atenção do aluno para a necessidade de utilizar essas tecnologias com responsabilidade e moderação.

## **4 ESTUDANTES BALSENSES DO ENSINO MÉDIO E A LEITURA**

Tendo em vista que este trabalho tem como foco as dificuldades que interferem na formação de leitores, além da exposição e discussão dos fatores que interferem nesse processo, faz-se necessário um estudo sobre o leitor mediante a ação desses fatores. Uma das formas ideais de realização deste estudo, supõe-se, seria através de um acompanhamento de grupos selecionados, desde a alfabetização até a conclusão dos níveis básicos do ensino, por se tratar do principal período que o leitor está exposto às circunstâncias em que os fatores estudados neste trabalho se sucedem, e por ser o período de atuação decisiva desses fatores no aprendizado da leitura desses educandos. Entretanto, devido à natureza deste trabalho e ao tempo disponível para a sua elaboração, percebeu-se ser inviável realizar a pesquisa na forma citada.

Em contrapartida, a pesquisa realizou-se na terceira série do ensino médio, época em que os estudantes já perpassaram por esses fatores por um período de, no mínimo, onze anos, compreendido desde a primeira série do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio. Assim, foi possível verificar como as dificuldades aqui levantadas influenciaram e influenciam os estudantes que estão concluindo o ensino médio.

Destaca-se também que a terceira série do ensino médio é uma época de muitas mudanças na vida do aluno, pois, após esse período, muitos irão entrar no mercado de trabalho ou continuar os estudos, seja no ensino técnico ou superior, ou, ainda, trabalhar e estudar. Em todos estes casos, a leitura será de fundamental importância para a obtenção de um resultado favorável. Desta forma, a pesquisa também busca demonstrar como esses alunos vêem a leitura em um momento em que ela será essencial em suas vidas.

### **4.1 Contextualização das escolas**

A pesquisa foi realizada nas seguintes escolas: Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli, Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni e Colégio São Pio X, todas localizadas no município de Balsas-MA. Escolheu-se três escolas distintas pelo fato de cada uma atender a públicos com rendas diferentes, pois, conforme visto na seção **3.2**, a situação socioeconômica

interfere no processo de formação de leitores. M. Souza (1998, p.20), nesse sentido, afirma que:

[...] a grande maioria das famílias brasileiras, mergulhadas em dificuldades econômicas, não dispõem de recursos para destinar à compra de livros e mesmo de tempo para a literatura, o folclore, o lazer, envolvidas que se encontram com a questão da sobrevivência.

E por atender a públicos diferentes, não seria estranho verificar na pesquisa que essas escolas adotam metodologias diferentes.

O Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnoli fica localizado na Rua 6, s/n, Conjunto Cohab e faz parte da rede pública de ensino que atende alunos de baixa renda. Conforme pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2009, foram matriculados 320 alunos no último ano do ensino médio e, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de 2009, seus alunos tiveram uma média de 529,33 pontos, sendo que a média nacional é de 500 pontos, dentro de mil distribuídos (BRASIL, 2010).

O Colégio São Pio X localiza-se à Avenida Dom Diego, s/n, Centro. Faz parte da rede privada de ensino e, conforme informações obtidas junto à secretaria da escola em 28/07/2010, sua mensalidade para a terceira série do ensino médio é de R\$ 196,00. É uma tradicional escola do município e atende a famílias que possuem um poder aquisitivo maior. Em 2009, foram matriculados 64 alunos na terceira série do ensino médio e a pontuação média obtida pelos alunos no ENEM de 2009, foi de 618,96 pontos (BRASIL, 2010).

O Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni está situado à Praça São Sebastião, nº 9, Centro e também faz parte da rede privada. A mensalidade para a terceira série do ensino médio é de R\$ 105,00, conforme informações obtidas em 28/07/2010 na secretaria da escola. O número de matrículas na terceira série do ensino médio foi de 100 alunos, em 2009, e a pontuação média dos estudantes no ENEM 2009 foi de 599,4 pontos (BRASIL, 2010).

## **4.2 Metodologia utilizada**

Esta pesquisa classifica-se, quanto aos meios, como bibliográfica e de campo, conforme E. Silva e Menezes (2001). A pesquisa bibliográfica, exposta no segundo e no terceiro capítulo, foi fundamentada em autores renomados que tratam

sobre a leitura e a formação de leitores. Na pesquisa de campo, coletaram-se dados primários com uma amostra aleatória de alunos da terceira série do ensino médio, em escolas de Balsas-MA.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva, conforme E. Silva e Menezes (2001). Exploratória porque, embora haja muito material acerca da leitura e da formação de leitores, não se verificou a existência de uma pesquisa local sobre o assunto. Descritiva porque visa analisar, interpretar e descrever as percepções sobre tema estudado no local.

Quanto à abordagem da pesquisa de campo, optou-se pela pesquisa quantitativa e pela qualitativa, ambas efetuadas com a aplicação de questionários.

A primeira fase da pesquisa de campo consistiu na elaboração do instrumento de pesquisa, um questionário com 12 perguntas objetivas e três perguntas subjetivas, feitas com base na pesquisa bibliográfica.

A segunda fase compreendeu a aplicação dos questionários nas escolas escolhidas, que ocorreu entre os dias 23 e 25 de junho de 2010. Para a aplicação dos questionários, escolheu-se, aleatoriamente, 50 alunos da terceira série do ensino médio de cada uma das escolas. Considerando os números de matrículas de 2009, a relação entre amostragem e o universo de alunos da terceira série do ensino médio de cada escola fica assim definida: 50/100 no Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni; 50/320 no Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli e 50/64 no Colégio São Pio X. Nota-se que a amostragem no Colégio São Pio X é bem próxima do número total de alunos sujeitos desta pesquisa, o que traz uma consubstanciação maior para os resultados. Como os dados de matrícula são de 2009, essa relação é aproximada, visto que o número de matrículas varia de um ano para o outro. Os grupos pesquisados são heterogêneos, formados por alunos e alunas com idades entre 16 e 18 anos.

Na terceira fase, foi realizada a tabulação dos dados, feita de forma quantitativa, com o auxílio do programa *Excel*. Os dados qualitativos, referentes às três perguntas subjetivas, foram estudados mediante a percepção e interpretação do autor, a partir da teoria investigada sobre o processo da leitura.

A última fase compreendeu a apresentação dos dados obtidos, em forma de gráficos e exposição, que sintetizam os resultados, demonstrados e analisados a seguir.

### 4.3 Análise dos dados quantitativos

Para uma melhor apresentação dos gráficos e exposição das informações, as escolas passarão a ser denominadas por letras: Escola A, designando o Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnoli; Escola B, designando o Centro de Ensino Médio Dom Daniel Comboni; e Escola C, designando o Colégio São Pio X.

As perguntas do questionário foram divididas em blocos temáticos, de modo que suas análises são feitas de forma análoga.

#### 4.3.1 Bloco um: o aluno e a leitura

Na primeira questão, foram apresentadas quatro atividades aos alunos: ouvir música, assistir à televisão, ler e jogar (*video game/computador*). Das quatro atividades, os alunos deveriam escolher sua preferida. O resultado foi o seguinte:

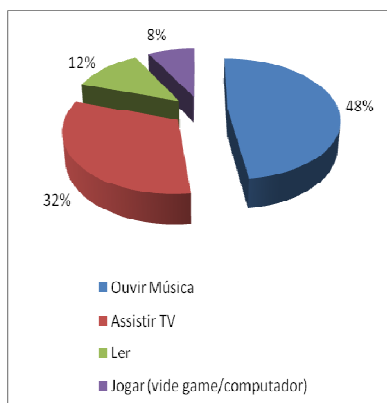


Gráfico 1.A – Escola A

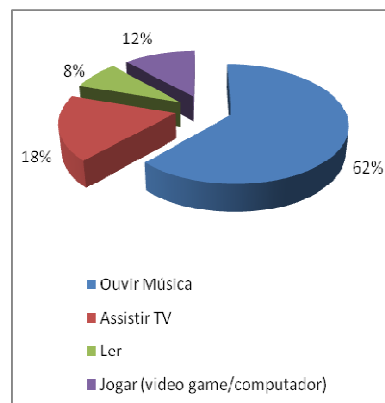


Gráfico 1.B – Escola B

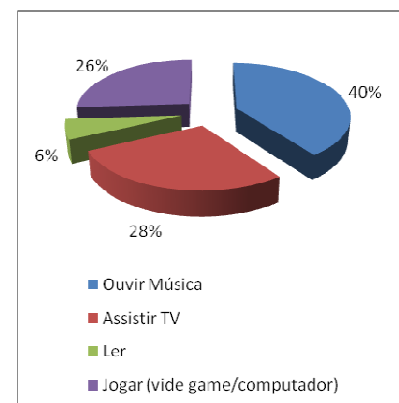


Gráfico 1.C – Escola C

O resultado nas três escolas demonstra que, em momentos de lazer, os alunos preferem ouvir música e assistir à televisão. Na Escola C, os jogos eletrônicos disputaram a preferência com a televisão, certamente porque os jovens dessa escola possuem um acesso mais facilitado a esse tipo de entretenimento, ocasionado por um poder aquisitivo maior. Nas escolas B e C, ler ficou em último lugar; na Escola A, em penúltimo. Esses dados reforçam o que fora tratado na seção **3.6**, em que se abordou a preferência de outras mídias em detrimento da leitura.

Em outra pergunta, foram apresentadas as seguintes opções de leitura: revistas, jornais, bíblia, quadrinhos e livros. Dentre essas opções, os alunos deveriam assinalar sua preferida. Como resultado, observou-se:

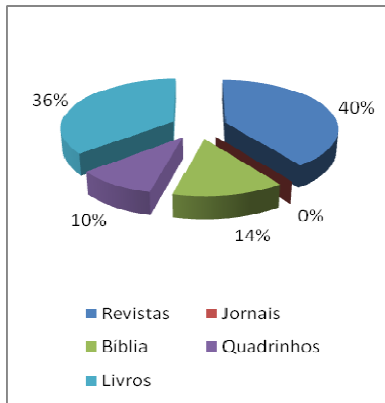


Gráfico 2.A – Escola A

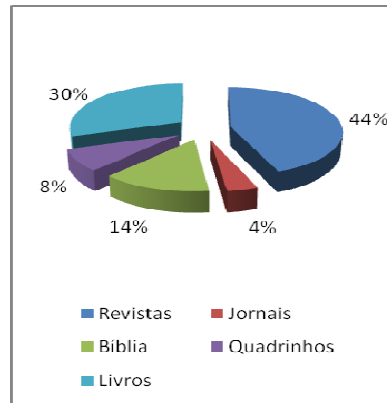


Gráfico 2.B – Escola B

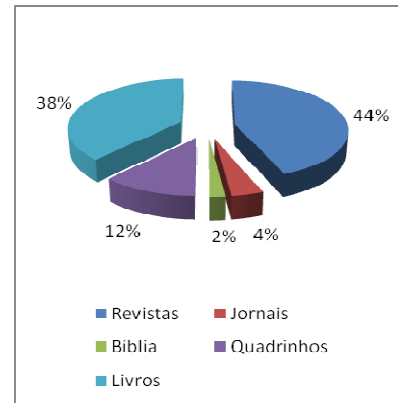


Gráfico 2.C – Escola C

As revistas lideraram as respostas como maior preferência dos alunos nas três escolas. Os livros ficaram em segundo lugar e os jornais, quadrinhos e a bíblia foram as últimas opções. Percebe-se a preferência desse público pelas revistas, informação pertinente que pode ser utilizada na escolha e seleção de materiais de leitura.

A pergunta seguinte foi mais direta: os alunos foram questionados se gostavam de ler. Eis os resultados:

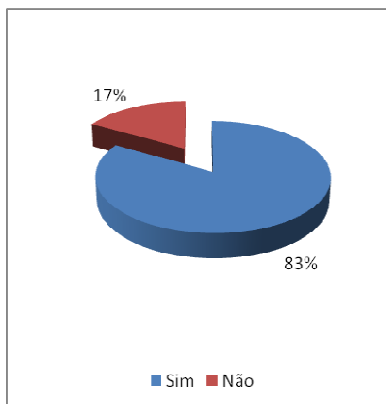


Gráfico 3.A – Escola A

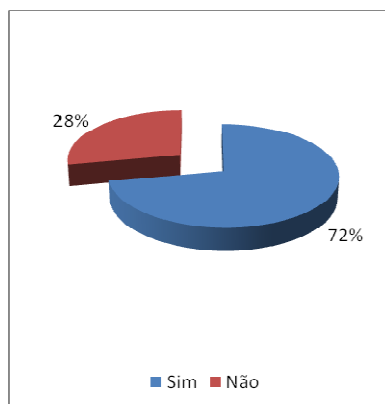


Gráfico 3.B – Escola B

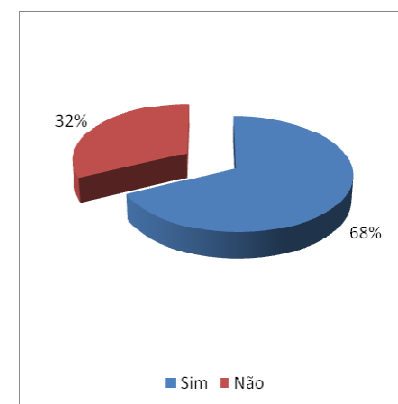


Gráfico 3.C – Escola C

Embora a maioria dos alunos tenha respondido que sim, o resultado das respostas para essa pergunta levanta algumas dúvidas, pois os gráficos da primeira pergunta demonstram que a leitura não está entre as prioridades dos alunos. Todavia, os percentuais de 17% (dezessete por cento), 28% (vinte e oito por cento) e 32% (trinta e dois por cento) mostram que não é extenso o número de alunos que não gostam de ler (e assumem isso).

Questionados se consideravam a leitura importante, as respostas demonstram o seguinte:

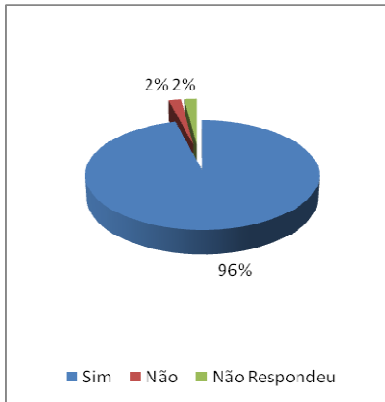


Gráfico 4.A – Escola A

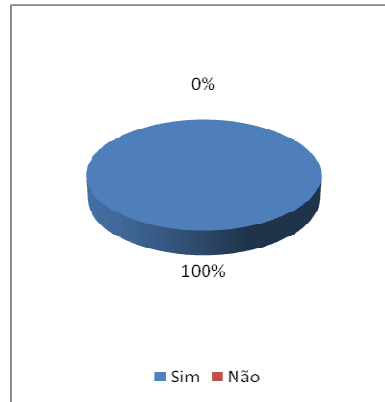


Gráfico 4.B – Escola B

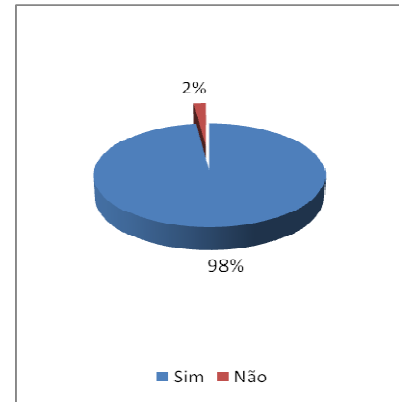


Gráfico 4.C – Escola C

Do total de alunos das três escolas, apenas dois não consideram a leitura importante – 2% (dois por cento) da Escola A e 2% (dois por cento) da Escola C – e um se absteve de responder à pergunta. Fica evidenciado que os alunos percebem a importância da leitura, entretanto, alguns desses mesmos alunos não gostam de ler, conforme gráficos da pergunta anterior, o que caracteriza um paradoxo: mesmo considerando importante, a leitura pode não ser tão atrativa quanto outras atividades para esses alunos, como ouvir música ou jogar *video game*.

A última pergunta desse bloco busca saber quantos livros, em média, o aluno lê por ano, excluindo-se os didáticos trabalhos na escola. A média por escola foi a seguinte:

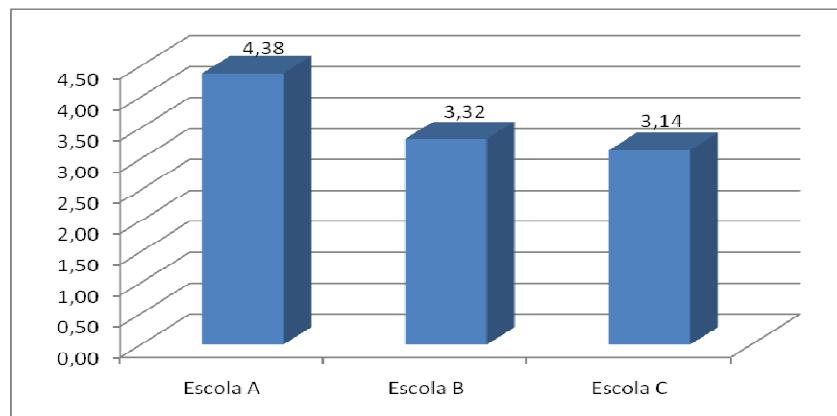


Gráfico 5 – Média de livros lidos anualmente

Considerando-se não ser possível ler a fração de um livro, a média anual de livros na escola A foi de quatro livros por ano, por aluno; na Escola B e C, três livros anuais, por aluno. Os dados tabulados ainda mostraram que: três alunos da Escola B responderam ler nenhum livro por ano; cinco na Escola C responderam de



igual modo. No extremo oposto, um aluno da Escola A afirmou ler em média 18 livros por ano.

A título de comparação, a média anual de livros lidos por pessoa em alguns países desenvolvidos é de 19,8 na Grã-Bretanha, 14 nos Países Baixos e 12,6 nos Estados Unidos (BAMBERGER, 2010, p. 15).

#### 4.3.2 Bloco dois: os pais e o incentivo à leitura

Neste bloco são analisadas as questões relacionadas à família do aluno: se os pais incentivam ou não seus filhos ao hábito da leitura. A primeira pergunta trata diretamente dessa questão: os alunos foram indagados se seus pais os incentivavam a ler:

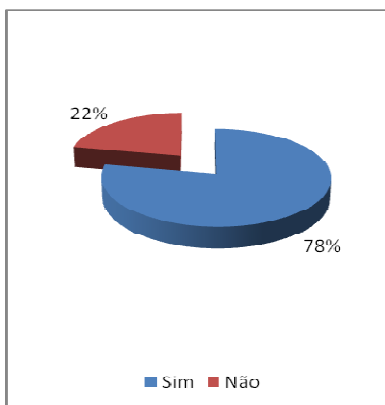


Gráfico 6.A – Escola A

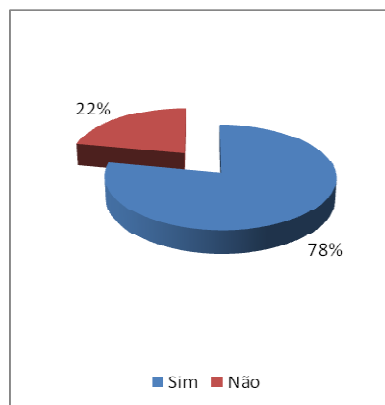


Gráfico 6.B – Escola B

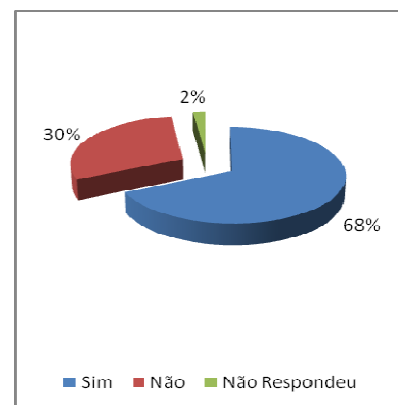


Gráfico 6.C – Escola C

Os resultados foram próximos nas três escolas: nas Escolas A e B, 78% (setenta e oito por cento) dos alunos afirmaram que seus pais os incentivam à leitura. Na Escola C, esse percentual foi um pouco menor: 68% (sessenta e oito por cento). Percebe-se, então, que a grande maioria dos pais reconhece a importância da leitura e incentivam seus filhos a lerem regularmente.

Perguntados se os pais dos alunos adquiriam materiais de leitura, tais como livros, revistas, jornais, entre outros, o resultado das respostas foi conforme segue:

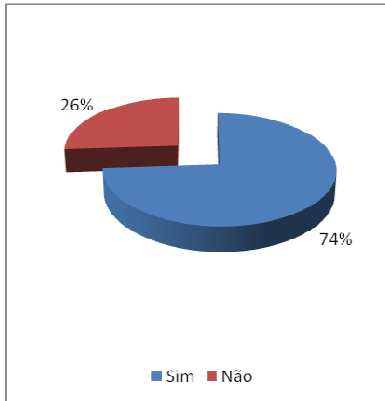


Gráfico 7.A – Escola A

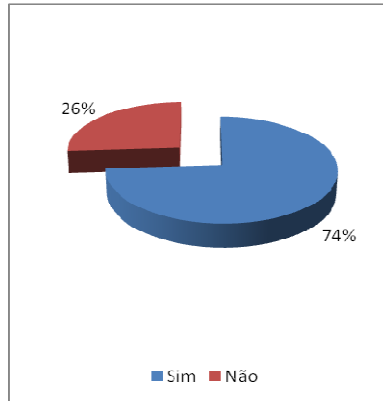


Gráfico 7.B – Escola B

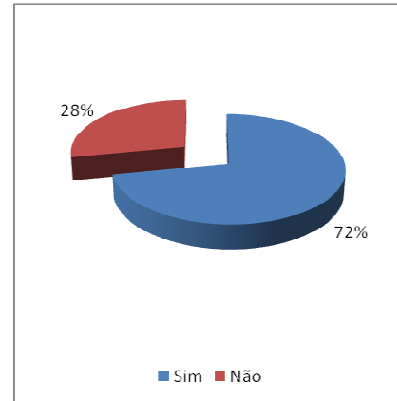


Gráfico 7.C – Escola C

O resultado foi semelhante nas três escolas: 74% (setenta e quatro por cento) dos alunos nas Escolas A e B responderam que sim, enquanto 72% (setenta e dois por cento) responderam de igual modo na Escola C.

Indagados sobre o motivo da negativa da pergunta anterior, pediu-se aos alunos para informarem o motivo da negativa: se eles (alunos) não tinham interesse nesses materiais, se os pais não tinham interesse em adquiri-los para seus filhos ou não compravam por razões financeiras. O resultado foi o seguinte:

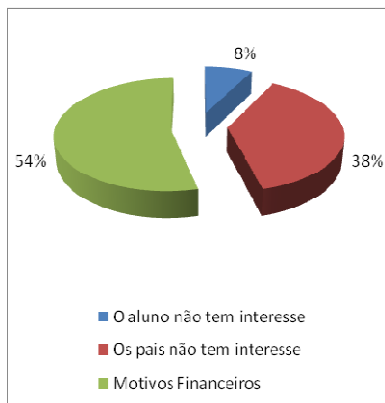


Gráfico 8.A – Escola A

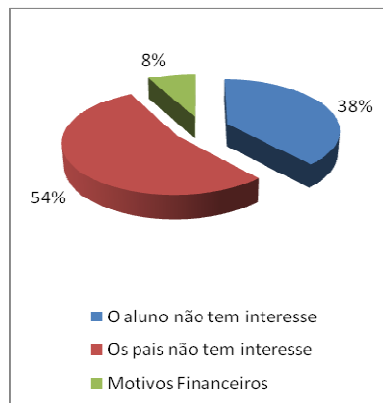


Gráfico 8.B – Escola B

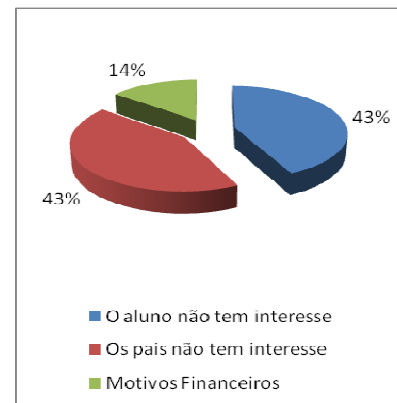


Gráfico 8.C – Escola C

Para essa questão, os resultados foram diversos nas três escolas: na Escola A, pesou o lado econômico, pois dos 13 estudantes que responderam negativamente à pergunta anterior, 54% (cinquenta e quatro por cento) responderam que os pais não compram materiais de leitura por motivos financeiros; na Escola B, do mesmo número de alunos, 54% (cinquenta e quatro por cento) responderam que os pais não têm interesse em comprar esses materiais; já na escola B, dos 14 alunos que responderam “não” à pergunta anterior, 43% (quarenta e três por cento) afirmam que é porque os pais não têm interesse e 43% (quarenta e três por cento) asseguram que eles próprios não têm interesse.

#### 4.3.3 Bloco três: a escola, o aluno e a leitura

Neste bloco de perguntas, os alunos foram questionados se a escola e o professor de língua portuguesa incentivam a leitura. A primeira pergunta consistia em informar se a escola promovia atividades voltadas à leitura, cujos resultados foram:

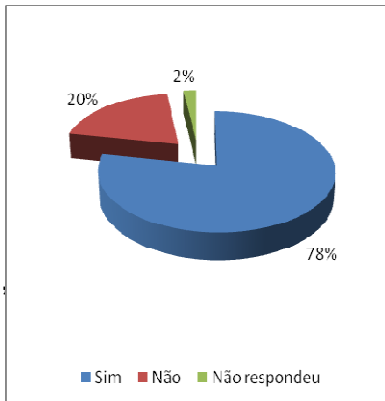


Gráfico 9. A – Escola A

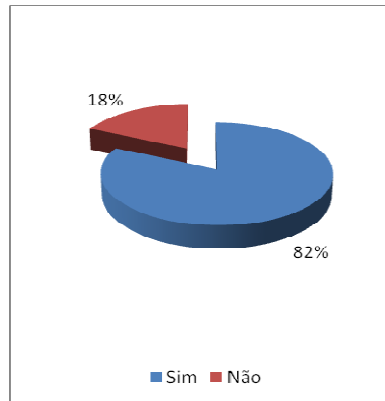


Gráfico 9. B – Escola B

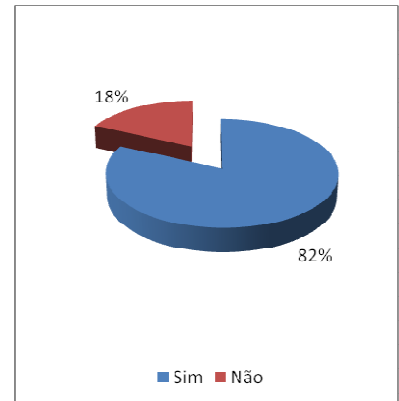


Gráfico 9. C – Escola C

A percepção dos alunos sobre a promoção de leitura pela escola foi semelhante nas três entidades: 78% (setenta e oito por cento) na Escola A e 82% (oitenta e dois por cento) nas Escolas B e C. A maioria considera que suas escolas promovem a leitura.

Ao serem questionados se o professor de português incentiva a leitura em sala de aula de vários gêneros literários, obteve-se como resultado:



Gráfico 10. A – Escola A

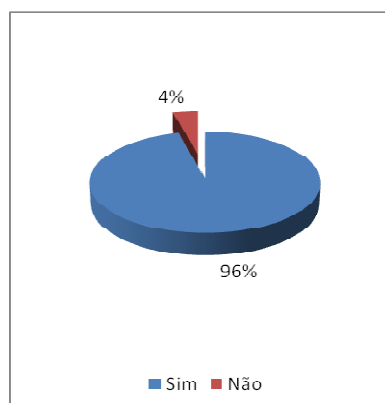


Gráfico 10. B – Escola B

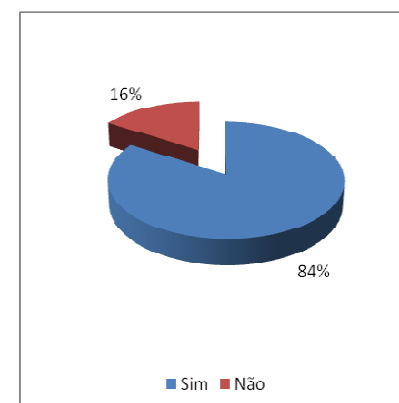


Gráfico 10. C – Escola C

Houve poucas, mas sutis diferenças de uma escola para outra: 100% (cem por cento) na Escola A, 96% (noventa e seis por cento) na Escola B e 84% (oitenta e quatro por cento) na Escola C. A partir das respostas, pode-se depreender o seguinte: o professor de língua portuguesa da Escola A realmente trabalha com

foco na leitura, pois conseguiu obter resposta positiva de 100% (cem por cento) dos alunos pesquisados. Pode-se depreender, também, que a maior média de leitura anual na Escola A (vide Gráfico 5 – Média de livros lidos anualmente) é resultado do trabalho do professor. Os números também foram positivos nas Escolas B e C, entretanto, as poucas respostas negativas podem indicar que o trabalho do professor precisa ser melhor dirigido quanto ao emprego de diferentes gêneros literários.

Ainda quanto ao professor, os alunos foram questionados se este elabora atividades que necessitam de leitura fora da sala de aula. Resultado:



Gráfico 11.A – Escola A

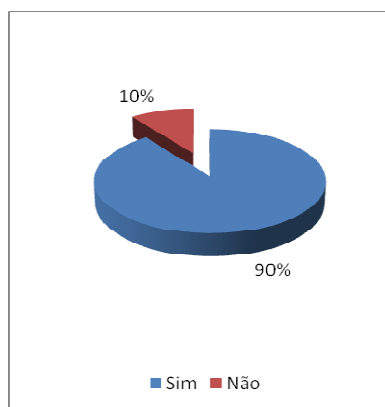


Gráfico 11.B – Escola B

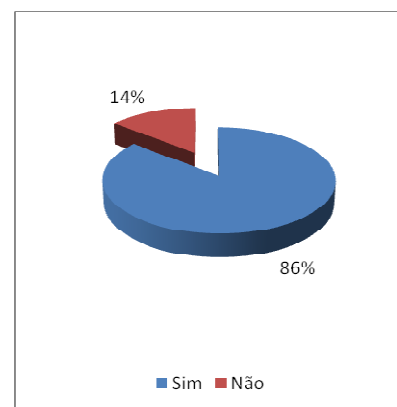


Gráfico 11.C – Escola C

Responderam afirmativamente 98% (noventa e oito por cento) na Escola A, 90% (noventa por cento) na Escola B e 86% (oitenta e seis por cento) na Escola C, resultado semelhante à questão anterior, ressaltando-se que a leitura poderia ser melhor trabalhada pelos professores de língua portuguesa nas Escolas B e C.

#### 4.4 Análise dos dados qualitativos

Juntamente com a pesquisa quantitativa, foi realizada uma pequena pesquisa qualitativa, para ajudar a compreender as informações levantadas naquela pesquisa. A pesquisa qualitativa compreende três questões subjetivas, a saber:

- i) Qual livro você mais gostou de ler?;
- ii) Qual a importância da leitura em sua vida?;
- iii) Quais são suas principais dificuldades com relação à leitura?

Através da análise dessas questões, não será possível fazer generalizações, conforme E. Silva e Menezes (2001), visto o caráter descritivo

destas informações. Entretanto, sua importância reside no fato dessas informações ajudarem a compreender o fenômeno estudado como um todo. A presente análise consiste na comparação, percepção e interpretação por parte do autor.

As informações colhidas dos questionários respondidos pelos alunos da Escola A demonstram que os alunos trabalham bastante com livros literários, pois foram comuns as respostas à pergunta “i” livros como “Escrava Isaura”, “Amor de Perdição”, entre outros. Pode-se perceber o trabalho recente e/ou constante do professor com esses tipos de livros. Foi comum também referências ao livro “Crepúsculo”, escrito por Stephenie Meyer, um *best seller* mundial destinado ao público adolescente. É provável que esse livro não tenha sido trabalhado na escola, o que sugere a leitura deste fora do ambiente escolar, reforçando-se, assim, a importância que existe na adequação do material de leitura de acordo com os interesses do leitor.

Quanto à questão “ii”, os alunos reconhecem que a leitura possui determinante importância na aquisição do conhecimento e melhora do vocabulário. Algumas respostas merecem atenção:

- “Sem a leitura não chegamos a lugar algum”;
- “A leitura na minha vida é quase tudo”;
- “A leitura é fundamental para saber escrever sem erros”;
- “Ajuda no modo de falar e escrever”;
- “Somente com a leitura podemos ter melhorias em nossa vida, como ter um emprego mais digno”.

Quanto às principais dificuldades com relação à leitura, foi comum a menção a nenhuma dificuldade. Por outro lado, a preguiça, a falta de tempo e o desinteresse foram respostas comumente citadas. A dificuldade de interpretação e de compreender palavras difíceis também foi destacada, revelando-se um problema já tratado neste trabalho: o analfabetismo funcional.

Na Escola B, em relação à pergunta “i”, livros de literatura também foram bastante citados, mas não com tanta ênfase quanto na Escola A. Foram citados outros *Best Sellers*, como “Anjos e Demônios”, de Dan Brown, e mais livros de Stephenie Meyer, como “Eclipse”, “Lua Nova” e o já citado “Crepúsculo”.

Sobre a importância da leitura foram comuns respostas relacionadas ao conhecimento, à aprendizagem e ao saber.

As dificuldades não diferiram das citadas na escola A, enfatizando-se, novamente, a preguiça, a dificuldade para interpretação e a falta de interesse.

Quanto à Escola C, a relação dos livros citados que mais gostaram de ler foi mais pulverizada, fazendo-se menções a “Serra dos dois meninos”, “Os Lusíadas”, “O monge e o executivo” e aos já ditos livros de Dan Brown e Stephenie Meyer.

Em relação à importância da leitura, além dos já citados, houve o acréscimo da importância para o vestibular. Algumas frases merecem destaque:

- “Ela é importante pelo fato de que, com a leitura de um livro consegue-se ‘entrar’ em um outro mundo”;
- “Com a leitura a gente aprende a interagir e a interpretar o nosso cotidiano”;
- “Através dela podemos alimentar a nossa imaginação”;
- “É importante para a construção de uma pessoa mais intelectual”;
- “Ela tem uma série de utilidades práticas em minha vida, especialmente neste ano de vestibular.”

Mais uma vez, o desinteresse e a preguiça foram alvo das dificuldades dos alunos no processo de leitura. Foram percebidas, também, dificuldades com relação à biblioteca da escola, cujas menções referiam-se a aquisição de mais volumes.

A escolha do material de leitura mostrou-se relevante, pois evidenciou-se que os alunos se empolgam com a leitura quando se trata de um título de seu interesse, como foi verificado na menção a vários *best sellers*.

Feitas estas considerações, destaca-se que a maioria citou algum livro que mais tenha gostado de ler. Embora muitos reconheçam a importância da leitura, principalmente para a aquisição do conhecimento, muitos não demonstram interesse em sua prática, seja por preguiça, por falta de interesse ou por falta de tempo. Ressalta-se ainda, a dificuldade de interpretação de textos, que foi mencionada por alunos de todas as escolas.

## 5 CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho, procurou-se estudar o processo de formação do leitor, através de uma pesquisa com abordagem teórica e prática. Ao final desta pesquisa, constata-se que longos, difíceis e complexos são os caminhos que levam à formação do leitor.

Pela fundamentação teórica deste trabalho, depreende-se que há um problema cíclico relacionado à formação do leitor: existe a formação deficiente do professor, como também há escolas com programas pedagógicos em que não se privilegia a leitura. Essas escolas e seus professores tendem a formar alunos sem prazer pelo gosto da leitura. Esses alunos, futuramente, poderão ter filhos, que crescerão em um lar em que não se cultiva o hábito da leitura, e assim o ciclo continua. Trata-se de um problema sistêmico, em que cada fator terá um papel fundamental no resultado. Esforços individuais podem até trazer algum resultado positivo, como o caso verificado do (a) professor (a) de língua portuguesa no Centro de Referência Profissional Professor Padre Fábio Bertagnolli, mas esses resultados positivos individuais não são determinantes se os fatores não estiverem voltados para uma finalidade comum: a formação perene leitor.

Verificou-se, por meio de pesquisa quantitativa, que pais e professores de língua portuguesa de Balsas-MA têm demonstrado um maior interesse pelos hábitos de leitura dos educandos. Por outro lado, as escolas pesquisadas demonstram que não há um trabalho voltado, desde a infância (quando o hábito da leitura é fundamental), para a formação de leitores, o que pode ser constatado pelo pouco interesse pela leitura, baixo nível de leitura e leitura pautada na decodificação, confirmada pela dificuldade de interpretação e compreensão dos alunos, conforme apresentado na pesquisa qualitativa. Como essas escolas não são responsáveis pela alfabetização dos alunos, parte dessa responsabilidade lhes é atenuada.

A pesquisa de campo também indica que, quando são trabalhados títulos que despertam o interesse do aluno, as atividades com a leitura demonstram-se mais profícuas.

Ressalte-se ainda, que a leitura como atividade regular “só será realidade se o indivíduo sentir que vale a pena; no caso em questão, se ele se der conta do que a leitura poderá fazer pelos seus interesses pessoais, profissionais e sociais”

(BAMBERGER, 2010, p. 70). Não basta o aluno saber que a leitura é importante. Ele deve sentir e compreender isso.

Conclui-se, portando, que o trabalho com a leitura no sentido de formar leitores não deve ser um trabalho esporádico. Deve ser um trabalho constante, diferentemente dos planos de aula de alguns professores, em que a leitura é trabalhada um ou dois dias por semana. É um exercício que deve envolver a família, a escola, os professores e o educando. Conforme enfatiza Antunes (2008, p. 33), a formação de leitores pressupõe “uma ação ampla, fundamentada e planejada, sistemática e participada”.

Para o autor, esta pesquisa foi de grande importância, pois os conhecimentos adquiridos em sua elaboração serão de absoluta relevância em seu exercício profissional. Espera-se que, de igual modo, este trabalho traga contribuições significativas para a comunidade docente, pais e estudantes do município e onde este trabalho vier a ser estudado.



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-47.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília, MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro**. Brasília, MEC/INEP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Notas médias por escolas dos concluintes do ensino médio**. Disponível em <<http://sistemasenem4.inep.gov.br/enemMediasEscola/>>. Acesso em: 31 de julho de 2010.

BUENO, Luciane de Fraga. **Uso das novas tecnologias como espaço de democratização da literatura**. UNICENTRO, Guarapuava, 2008.

CASTANHO, Ana Flavia Alonso. **A formação do leitor: aspectos afetivos e cognitivos**. 2005. 106 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–USP, São Paulo, 2005.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Memórias de Leitura e educação infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 50-59.

FRANÇA, Ronaldo. Longe da excelência. **Veja**, São Paulo, ed. 2155, ano 43, n. 10, p. 101, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GUERREIRO, Maria Albertina da S. **A construção do leitor na educação fundamental**: análise documental de uma coleção didática. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–UNOESTE, Presidente Prudente, 2006.

LUFT, Lya. Brasileiro não gosta de ler? **Veja**, São Paulo, ed. 2125, ano 42, n. 32, p. 22, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasilense, 1994.

PETRONI, Marilze S. **Como conquistar um leitor**. São Paulo: Ibrasa, 2001.

RATIER, Rodrigo. Ler para escrever. **Nova Escola**, São Paulo, ano 24, n. 221, p. 54-56, 2009.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino-aprendizagem e leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 25-35.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A conquista do jovem leitor**. 2. ed. Florianópolis: UFSC: 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e alfabetização. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 62-77.

SOUZA, Silvana Ferreira de. **Estratégias de leitura para a formação da criança leitora**. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–UNESP, Presidente Prudente, 2009.

ZANCHETTA, Juvenal. Leitura de narrativas juvenis na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 92-110.

WIKIPÉDIA. **Internet**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>>. Acesso em: 29 de julho de 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NO ENSINO MÉDIO

### Questionário

*Este questionário é destinado a estudantes do 3º ano do ensino médio, não sendo necessária nenhuma forma de identificação. Os dados aqui fornecidos só serão utilizados em trabalho de pesquisa acadêmica. O autor se compromete a não repassar informações a qualquer título. Por favor, queira dispor de alguns minutos para responder a estas questões.*

1- Dentre as atividades abaixo, indique a sua preferida:

- Ouvir música
- Assistir TV
- Ler
- Jogar (video game / computador)

2- Você costuma ler em casa?

- Sim, todos os dias
- Sim, algumas vezes por semana
- Sim, de vez em quando
- Raramente
- Nunca

3- Entre as opções abaixo, marque o seu tipo de leitura preferida:

- Revistas                       Bíblia                       Livros
- Jornais                       Quadrinhos

4- Você gosta de ler?

- Sim                       Não

5- Você considera a leitura importante?

- Sim                       Não

6- Seus pais incentivam você a ler?

- Sim                       Não

7- Seus pais adquirem para você materiais de leitura (livros, revistas, jornais, etc.)?

- Sim                       Não

8- Caso a resposta da pergunta anterior tenha sido **NÃO**, qual seria o motivo?

- Você não tem interesse nesses materiais
- Seus pais não têm interesse em adquirir esses materiais para você
- Razões financeiras

9- Sua escola promove atividades voltadas à leitura?

- Sim                       Não

10- Seu professor de português incentiva a leitura em sala de aula de vários gêneros literários?

- Sim                       Não

11- Seu professor de português elabora atividades que necessitem de leitura fora da sala de aula?

- Sim                       Não

12- Quantos livros você lê em média por ano?

13- Qual o livro que você mais gostou de ler?

14- Qual a importância da leitura em sua vida?

15- Quais são suas principais dificuldades com relação à leitura?

*Muito obrigado por participar desta pesquisa.*



A obra *Prática de Leitura: um estudo sobre as dificuldades na formação de leitores* de Ediney Pinto Serejo foi licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/). Permissões adicionais ao âmbito desta licença podem estar disponíveis em [ediney0300@hotmail.com](mailto:ediney0300@hotmail.com)